

REENCONTRO
literatura

Herman Melville

Moby Dick
A baleia branca

Tradução e adaptação de

Werner Zotz

Ilustrações de

**Wanduir Duran e
Maria Cecília Marra**



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Responsabilidade editorial
Mauro Aristides

Edição
Cristina Carletti

Assistência editorial
Maria da Graça Segolin
Gilberto Nascimento Galvão

Revisão
Nair Hitomi Kayo

Programação visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes

Diagramação
Fábio Cavalcante

Ilustração de capa
Wanduir Duran

Ilustração de miolo
Maria Cecília Marra



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo-SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

2019

ISBN 978-85-262-5147-2 – AL

CL: 734346

CAE: 221134

8.^a EDIÇÃO
17.^a impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Melville, Herman, 1819-1891

Moby Dick: a baleia branca / Herman Melville;
adaptação em português de Werner Zotz. – São
Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Zotz, Werner.
II. Título. III. Série.

97-0005

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

Quem foi Melville? 5

Primeira parte – Em busca da aventura

1. O fascínio do mar 11
2. New Bedford 13
3. Na Estalagem da Baleia 16
4. Queequeg 18
5. Um amigo 22
6. A história de Queequeg 24
7. Nantucket 26
8. O *Pequod* 28
9. A marca de Queequeg 31
10. O embarque 33
11. Natal no Atlântico 35

Segunda parte – O mundo do *pequod*

1. Profissionais do mar 38
2. O capitão Ahab 41
3. Baleias 42
4. As intenções de Ahab 44
5. Moby Dick 47
6. Os caminhos do *Pequod* 49

Terceira parte – Na trilha das baleias

1. A primeira caçada 57
2. O jato fantasma 63
3. Encontros no mar 65
4. Presságio nos campos de *brit* 66

5. O primeiro cachalote morto	68
6. Açougue marítimo	71
7. Superstição de Fedallah	73
8. Queequeg salva Tashtego	74
9. Cardume de cachalotes.	77
10. Notícias de Moby Dick	80
11. O esquife de Queequeg	83
12. O arpão de Ahab	84
13. O Pacífico	86
14. Profecias	87
15. Uma boia fúnebre	88

Quarta parte – Batalha de gigantes

1. O <i>Raquel</i> , vítima de Moby Dick	92
2. Desconfiança e agouros	94
3. Morte a bordo do <i>Delícia</i>	96
4. Amor, ternura, conflitos íntimos	97
5. O encontro – Primeiro dia	101
6. O encontro – Segundo dia	107
7. O encontro – Terceiro dia	111
8. Final	117
<i>Quem é Werner Zotz?</i>	120

QUEM FOI MELVILLE?

Herman Melville (1819-1891) não foi apenas um dos maiores escritores de aventuras de todos os tempos: ele mesmo foi um grande aventureiro. E viveu intensamente cada uma das histórias que contou.

A infância de Melville foi feliz, mas a adolescência foi cheia de dificuldades, com a família arruinada pela falência do pai. Não foi um aluno brilhante na escola, mas mostrava, desde cedo, talento para escrever. Teve que abandonar os estudos para ajudar em casa e desde os 13 anos foi tentando todo tipo de trabalho, de *office-boy* de banco até contador e professor numa pequena escola. Não conseguiu se adaptar a nenhum deles. Aos 20 anos, estava desempregado e sem profissão definida. Foi quando o irmão mais velho lhe arranhou um emprego de mensageiro num navio, o *St. Lawrence*, que carregava mercadorias e passageiros entre os Estados Unidos e a Inglaterra.

Mas suas aventuras de verdade só começariam em 1841 quando, novamente desempregado, ele embarcaria no baleeiro *Acushnet*, que zarpava de New Bedford.

New Bedford, na época, era a capital mundial da caça à baleia, uma atividade que rendia muito dinheiro. O óleo, os ossos e a carne do grande mamífero tinham enorme valor comercial e essa atividade só entraria em declínio com o uso cada vez maior do petróleo como combustível e com a Guerra Civil norte-americana (1861-1865), que se estendeu para o mar e requisitou muitos barcos para fins militares.

Mas Melville pegou o apogeu da febre baleeira. O *Acushnet*, um enorme veleiro todo equipado, partiu para uma longa viagem cheia de perigos e maravilhas passando pela costa do Peru, Galápagos, ilhas João Fernandes, e daí desceria para os mares do Sul, parando em Nuku-Hiva, no arquipélago das

Marquesas. Durante quase um ano e meio como tripulante desse navio, Melville participou ativamente da caça à baleia, nos pequenos botes em que os caçadores enfrentavam o mar para arpoá-la a mão. Essa vida dura e cheia de riscos ele registraria para sempre em *Moby Dick*, sua obra-prima, publicada em 1851.

Quando o *Acushnet* atracou nas ilhas Marquesas, Melville viveria mais uma grande história: desceu à terra com o amigo Toby para contatar a tribo dos *haapas*, índios amistosos com os brancos. Mas acabaram nas mãos dos *taipis*, que eram canibais. Melville passou quase dois meses com os nativos, antes de fugir e se engajar no baleeiro australiano *Lucy Ann*, que passava por ali. Essa passagem de sua vida ele mostraria anos depois em *Taiipi*, um livro-reportagem com alguns toques de ficção.

O *Lucy Ann* continuou uma viagem caótica pelos mares do Sul. Os marinheiros não queriam saber do capitão nem do imediato e a todo momento armavam motins. A rebelião final se deu quando o navio aportou em Papeete, no Taiti: a tripulação prendeu o comandante e quis ficar na ilha. Em resposta, as autoridades francesas prenderam todos e Melville só foi libertado algum tempo depois, para vagar sem rumo pela ilha. Os nativos e seus costumes seriam retratados em *Omoa*. Melville embarcaria então num outro baleeiro rumo ao Havaí, onde se alistaria na Marinha norte-americana para partir no *United States*.

A vida a bordo desse navio foi um verdadeiro inferno para ele: a disciplina férrea, a brutalidade dos comandantes e os castigos corporais a que assistia diariamente seriam denunciadas em *White Jacket*. Melville deu baixa em Boston em 1844 e decidiu trocar a aventura pela tranquilidade do lar: casou-se no ano seguinte e passaria o resto de seus dias escrevendo as histórias incríveis que tinha vivido.

Mas esses dias não foram tão fáceis assim. Os editores ou não queriam publicar seus escritos ou punham obstáculos. O público também não o entendia. *Taipei*, por exemplo, era um relato tão fantástico que seu editor não acreditou nas histórias que Melville ali escreveu. Foi necessário que o amigo Toby reaparecesse em cena e confirmasse que era verdade. *Omoo* custou a passar pela censura dos editores porque fazia críticas à ação dos missionários cristãos entre os nativos, que, de acordo com o escritor, desrespeitavam suas crenças e sua maneira de viver. Melville, apesar de tudo, continuou. Escreveu ainda muitos livros (alguns até hoje sem tradução no Brasil), sempre preocupado em fundamentar rigorosamente seus relatos numa atitude quase que científica.

Moby Dick, a maior de suas obras, foi recebida apenas como mais uma aventura marítima de Melville: foram necessárias décadas para que se reconhecesse nessa história muito mais do que isso. A perseguição do capitão Ahab à gigantesca baleia branca é, na verdade, um relato dramático da eterna luta do homem em busca do seu destino. Uma luta contra todas as forças da Natureza, num mundo que jamais será o Paraíso. *Moby Dick* é, realmente, um livro do qual se pode falar muita coisa. Mas a melhor maneira de conhecê-lo é deixar que ele fale por si mesmo. Deixar que ele nos carregue com a sua emoção, que foi o sal da vida de Melville e que poderá ser também o da nossa, nas palavras de Ahab: "O que ousei, o que desejei, consegui realizar. Pensam que sou louco. Mas sou demoníaco; sou a loucura enlouquecida".

Primeira parte

Em busca da aventura





O fascínio do mar

Meu nome é Ismael.

Há muitos anos, resolvi meter-me novamente a bordo, voltar a navegar, correr o mundo seguindo o caminho das águas. Verdade que me encontrava sem dinheiro e sem o que fazer em terra. Mais: quando me flagro inquieto, irritado, mórbido, sei que chegou o momento de fazer-me ao mar, o mais depressa possível.

Existem ainda outros motivos, é claro, que me levaram a buscar esta aventura: o fascínio que as águas e o desconhecido exercem sobre todos os homens.

Reparem como, no interior do país, todos os caminhos conduzem a um ribeirão, a um rio, ou a um lago. Pode-se percorrer quilômetros e quilômetros de uma estrada qualquer, com uma certeza: mesmo que se torne mais estreita, mais rústica, só terminará quando esbarrar na água. E ali, no encontro dos dois caminhos – o de terra e o de água –, o sinal da presença do homem: uma cidade, uma vila, ou pelo menos uma casa solitária.

Nas cidades portuárias, qual a rua ou viela que não desemboca no mar? E ali, nos arredores do porto, os homens, com os olhos fixos nos caminhos sem fim, sonham... Sentados nos molhes de pedras ou apoiados em moirões de madeira, os olhos dirigem-se para a linha do horizonte, como se tentassem descobrir os mistérios só revelados aos mais afoitos e corajosos.

Todas as vezes em que parti, tanto de uma cidade como de um porto, os olhos dos que ficavam não souberam esconder a vontade de também partir, mesmo desconhecendo o destino...

Mas, por favor, não pensem que embarco como passageiro. Mesmo porque, normalmente, não tenho dinheiro para ficar vadiando. E ainda que o tivesse, é sempre melhor viajar recebendo do que pagando. Assim, é como marinheiro que sigo o chamado do mar. Pode parecer um tanto duro, no início, mas, com o tempo, acostumamo-nos a tudo. E, como não nasci em berço de ouro, minhas mãos calejadas estão mais que habituadas ao trabalho.

Embarcar como marinheiro, além de me realizar profissionalmente e fazer com que não me sinta inútil, tem outra vantagem: o ar puro que se respira na coberta da proa. Porque é ali que se alojam os marinheiros, estando a popa reservada para o comandante, para os oficiais e, nos navios mercantes, para os passageiros. Assim, na sua disposição de espaços, os navios imitam o mundo: enquanto os governantes e os mais afortunados encastelam-se na popa, os trabalhadores enfrentam os perigos da viagem na parte mais exposta da embarcação. Mas, apesar das possíveis tempestades, prefiro viver ali, na proa, respirando ar puro... Porque sei que, neste mundo, os ventos sopram com mais frequência contra nós.

Mas, por que haveria eu, mesmo já tendo respirado várias vezes o aroma do mar como marinheiro mercante, de aventurar-me a embarcar num baleeiro? O invisível regulador do destino, que determina meus passos e norteia a vida de todos os seres vivos, pode responder. Sem dúvida, minha partida num baleeiro fazia parte dos planos da Providência, há muito tempo fixados.

Agora, revendo todas as circunstâncias, compreendendo vagamente que as mesmas forças que já haviam traçado meu destino faziam-me acreditar estar escolhendo, de livre-arbítrio, meu caminho... Porque, na época em que embarquei para esta viagem, já não me contentava mais com os percursos rotineiros dos navios mercantes. Fascinava-me o desconhecido. Queria conhecer mares longínquos e bravios, locais remotos e misteriosos. E havia ainda a baleia, monstro pré-histórico, a espicaçar minha curiosidade e prometer aventuras constantes, em encontros perigosos.

2

New Bedford

Em todos os portos do mundo, as ruas que circundam as docas oferecem-nos espetáculos realmente exóticos. New Bedford não poderia ser exceção: era um lugar bizarro! Por ser, então, um dos portos de maior concentração de navios baleeiros, atraía os mais diferentes tipos de indivíduos.

Em plena luz do dia, podíamos encontrar, conversando calmamente numa esquina, canibais autênticos que passaram os últimos anos a caçar baleias tão naturalmente como antes caçavam seres humanos.

Velhos marinheiros, nem tanto pela idade e mais pelo profundo conhecimento das coisas do mar, cruzavam as ruas, saindo de uma taberna para entrar em outra, logo à